

EDUCAÇÃO E TRABALHO DOCENTE: A PRESENÇA MASCULINA DO PROFESSOR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo Jorge Medeiros, Universidade Estadual do Paraná

Introdução

Esse estudo propõe a estudar a atuação masculina nos anos iniciais da educação escolar nas escolas municipais da região de Paranavai-Pr. O objetivo é investigar a presença do professor homem, enquanto professor/pedagogo, no trabalho docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Procura, por meio um estudo bibliográfico, identificar os desafios que envolvem o trabalho docente na atualidade, uma vez que a presença do homem nesse ambiente escolar causa um certo estranhamento. Sendo assim, procura-se entender os preconceitos relacionados ao professor homem, atuante nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O estudo classifica-se como pesquisa qualitativa, tendo como fontes a pesquisa bibliográfica e documental. A análise será pautada no materialismo histórico-dialético, estabelecendo-se uma relação entre a representação da docência masculina com as questões socioeconômicas e políticas que foram constituídas a partir das relações materiais da sociedade capitalista no século XIX, que se cristalizaram e se estenderam para períodos posteriores até o nosso tempo. Como apoio teórico, o estudo busca dialogar com os autores que discutem e problematizam essa temática. Em um primeiro momento será realizado um breve histórico sobre a feminização do trabalho docente nas escolas. Para entender esse processo é preciso reconhecer que a participação da mulher no ensino primário foi construída socialmente, e é fruto de uma sociedade patriarcal que permitiu que a mulher exercesse apenas esta profissão, enquanto o homem tinha liberdade de escolha. Todavia, vale lembrar que a sociedade está em constante transformação, e na atualidade podemos destacar que o homem também pode estar presente no trabalho docente com as crianças menores. Dessa forma é fundamental que professores e gestores das escolas de educação fundamental, cada vez mais entenda e normalize a participação do homem como professor dessa etapa da Educação Básica.

Materiais e métodos

O estudo apresentado se constitui como pesquisa qualitativa fundamentada no materialismo histórico e dialético, sendo que as fontes utilizadas no estudo serão bibliográficas, documentais. Gil (2010) classifica a pesquisa qualitativa, como aquela que não mede os dados estatisticamente, mas que considera a existência de uma realidade dinâmica entre o sujeito e o mundo que está à sua volta. Lara e Molina (2011) afirmam que a pesquisa qualitativa proporciona ao pesquisador uma liberdade “teórico-metodológica” que passa a ser fundamental para basear o desenvolvimento do trabalho. Para Severino (2000), a pesquisa bibliográfica deve auxiliar o pesquisador em seu tema escolhido, para que por meio dela se caracterize o contexto histórico do seu objeto de estudo, para que dessa forma, o mesmo possa traçar suas contradições e conceituações sobre o objeto de estudo.

Resultados e Discussão

A questão do homem como professor nos Anos Iniciais Ensino Fundamental ainda é um tabu a ser superado, pois a mulher assumiu ao longo da história um protagonismo no papel de educadora, o que fez o homem afastar-se do papel de educar nas instituições de ensino. Esse passo se caracterizou por vários aspectos, entre eles estão o fato de o magistério ser a única profissão permitida no início do século XX para as mulheres, o que é fruto da constituição de uma sociedade patriarcal.

Porém, no mundo contemporâneo as relações de trabalho se modificaram sobremaneira, de modo que não se tem mais a separação entre o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher. Mas, a despeito disso, as creches e escolas ainda continuam sendo um ambiente de trabalho dominado por mulheres. Com as transformações no mundo do trabalho, alguns homens estão voltando para realizar sua formação nos cursos de pedagogia. Entretanto, a saída do homem do campo da pedagogia no século XX e agora a sua volta deixa muitas lacunas abertas, sendo necessárias algumas reflexões acerca do tema.

No Brasil as transformações causadas pelo processo de industrialização ainda no século XIX geraram mudanças na economia e na sociedade brasileira. Entende-se que as mudanças da sociedade aproximaram as mulheres do magistério, que passou a ser visto como uma profissão em que essa poderia conciliar as tarefas domésticas, o cuidado com a família e o trabalho na escola. Segundo Louro (1997) é somente nesse período que as mulheres conquistaram o acesso à escola e à educação, o que fez muitas chegarem à escola não apenas como alunas, mas também como professoras.

A entrada da mulher na escola como professora, mais do que mudar o caráter da profissão do magistério, também alterou a docência.

Com a entrada numerosa de mulheres na carreira docente, esta prática também passou a ser ressignificada ganhando moldes femininos que refletem a necessidade do cuidado, do amor e do afeto para a educação das crianças que passam a ser vistas como filhos e filhas destas mulheres que têm tanto carinho a oferecer em virtude de suas características consideradas naturais (ARAÚJO, CUNHA, 2013. p.11248).

Desse modo, cada vez mais o papel da mulher como professora, vai se aproximando de suas atividades diárias, sendo o magistério considerado a profissão ideal para elas, pois como é mãe, também é uma educadora nata. Todo esse processo também teve como resultado o afastamento do homem da educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, acarretando no achatamento do salário do profissional da educação. Os homens que precisavam manter suas famílias acabaram desistindo da carreira do magistério

Com todo esse processo de transformações a mulher foi colocada na posição de educadora nata, e essa justificativa se estabelece para impor que o papel da mulher na sociedade é ser professora e o homem se mantendo nos cargos de chefias era superior, cabendo-lhe a tarefa de controlar o trabalho das mulheres.

Arce (2001) questiona: Será que a mulher é uma educadora nata? O mito da mulher como uma educadora nata, é algo natural ou construído socialmente? A autora trabalha com todo um contexto histórico de como o mito da mulher como uma professora nata foi construído socialmente e reforçado em documentos que servem como base para a educação brasileira.

Assim, a problemática do homem em cursar a graduação em pedagogia e se tornar docente, precisa ser repensada por gestores educacionais, sendo necessário ampliar essas discussões, para que se supere o preconceito dentro e fora do ambiente escolar. Monteiro e Altmann (2014) destacam que há um número de homens que ingressam na carreira docente para se dedicar ao trabalho com a Educação, mas essa ainda é apenas uma pequena parcela. Esse fato pode ser entendido como resultado do preconceito em relação ao homem ser professor na Educação nos Anos Iniciais.

A escola, nas primeiras etapas da Educação Básica (educação infantil e anos iniciais), é pensada como a extensão da casa da criança e a professora como seu parente, alguém próximo, por exemplo, quando chamam a professora de tia. Silva (2014, p. 40) rebate essas afirmações questionando alguns pontos:

O professor/ a professora de educação infantil não é um cuidador ou cuidadora, nem babá, como alguns pais se referem ainda. Ele / ela é alguém que exerce uma profissão. Recebeu formação para isso. Foi aprovado num concurso público ou passou por uma entrevista que o habilita a exercer uma função: a função de ensinar na primeira infância. Referimo-nos, portanto, a uma pessoa que trabalha. Está envolvida em práticas de ensino e aprendizagem, cuidado e desenvolvimento humano (SILVA, 2014, p. 40)

A partir dessa reflexão, entende-se que o professor ou a professora são habilitados para trabalhar com a educação, pois possuem uma formação profissional que garante sua atuação. Portanto, todos devem ser valorizados como tal, não podendo o preconceito estrutural barrar o trabalho desses profissionais.

Diante do exposto, entende-se que o professor homem na Educação fundamental, é um tema que precisa ser discutido. Vale destacar que esses profissionais passaram por um processo de formação com teoria e prática, foram avaliados e aprovados e, independente do gênero, estão preparados para desenvolver o trabalho com a docência na área que escolheram para atuar.

Considerações finais

Conclui-se que o papel da mulher como professor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica, foi construído historicamente e

culturalmente devido todo o contexto que a temática está envolvida. Dessa forma, a temática apresentada precisa ser estudada e problematizada para que os resultados, sejam pelo viés de uma superação deste preconceito historicamente construído de que só a professora pode ser docente nessa fase de ensino.

E assim possamos seguir investindo em discussões sobre a temática, e por acreditar que esse é o melhor caminho para superar o preconceito construído ao longo da história do pensamento da “professora nata”, pois vale lembrar que ninguém, “nasce professor”, mas sim se torna professor, ao longo de todo um processo que é necessário formação, que é fundamental independente do gênero. Ser professor vai muito além da velha frese, “ser professor é um dom”. Ser professor é se construir profissionalmente ao longo de sua trajetória.

Referências

- ARCE, A. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.113, 2001.
- ARAÚJO, L. C.; CUNHA, R. C. da. Os homens na docência e a feminização do magistério. In: XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. IV Seminário Internacional Sobre Profissionalização – SIPD/CÁTEDRA UNESCO, 23., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Editora Champangat, 2013. v. 1, p. 11245-11258.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- LARA, A. M. de B.; MOLINA, A. A. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: César de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga (org.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011. cap. 5. p. 121-202.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. **Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação**. In: Cadernos de Pesquisa, [S.L.], v. 44, n. 153, p. 720-741, set. 2014.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- SILVA, C. R. **Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.